

PALEOANTROPOLOGIA CORRE RISCO NA USP, ADVERTE WALTER NEVES

Vinicius Crevilari
Estagiário de Jornalismo da Adusp

Daniel Garcia



“Trabalhos de décadas não podem ser ignorados simplesmente porque temos uma política de contratação [de docentes] que é absolutamente restritiva”, diz o professor Walter Neves, do Instituto de Biociências (IB-USP), ao falar do risco de interrupção das pesquisas do Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos (LEEH). Além de criticar a Reitoria por ignorar apelos, o descobridor de “Luzia”, que se aposentará em 2017, receia que o Departamento de Genética e Biologia Evolutiva venha a contratar um geneticista para substituí-lo, e não um paleoantropólogo

Aconteceu em junho de 2015. O professor Walter Neves, arqueólogo, antropólogo e “pai” do mais antigo fóssil humano até hoje encontrado nas Américas resolveu divulgar o manifesto intitulado “Estudos de evolução humana na USP estão ameaçados de extinção”, com o objetivo de chamar a atenção da comunidade acadêmica, da mídia e da sociedade para o risco de interrupção das atividades do Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos (LEEH), pertencente ao Departamento de Genética e Biologia Evolutiva do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (IB-USP). Criado em 1994, o LEEH realiza pesquisas referentes ao povoamento humano da América do Sul, tanto nos aspectos culturais quanto biológicos, as quais compreendem o período final do Pleistoceno, época geológica na história da Terra que começou há cerca de 1,75 milhão de anos e terminou há aproximadamente 10 mil anos.

O LEEH é, segundo Neves, o único laboratório da América do Sul que trabalha com paleoantropologia: o estudo da evolução humana por meio dos fósseis dos nossos ancestrais. “O laboratório foi criado por mim em 1994 e nesse intervalo de tempo nos tornamos uma referência mundial, sobretudo quanto aos estudos da origem do homem no continente americano. Nós estabelecemos o primeiro projeto paleoantropológico da América Latina no Velho Mundo [na Jordânia]. Na América, a gente trabalha com uma temporalidade de cerca de 12 mil anos. Na Jordânia, estamos trabalhando em uma escala de 2 milhões de anos. Durante a

existência do laboratório, conseguimos formar um grupo de excelência nessa área”, completa o docente.

Essa descrição inicial já evidencia a importância do LEEH para as pesquisas concernentes à história da evolução humana. Porém, Neves vai aposentar-se em 2017 e não há quem o substitua. “Não há a menor possibilidade de que seja contratado um docente para assumir o laboratório”, diz ele no manifesto. Em primeiro lugar, porque devido à política de contenção de despesas, “a Reitoria não está provendo novas vagas de docente”. Em segundo lugar, porque “mesmo que ela o faça, nada garante que o Departamento de Genética e Biologia Evolutiva aloque essa vaga para a área da Antropologia Biológica”.

Depois que a *Revista Adusp* tomou conhecimento do manifesto, marcamos um encontro com o professor, para conhecer seu laboratório e entender melhor suas preocupações. Ao adentrar uma pequena sala, localizada no segundo andar do Departamento de Genética e Biologia Evolutiva, custa acreditar que aquele acanhado espaço tenha sido utilizado para estudo tão grandioso como o que Neves realizou com o crânio de Luzia, “primeira americana”, que se tornou o “ícone da pré-história brasileira”, segundo palavras do próprio pesquisador.

De fisionomia semelhante às dos primeiros australianos e africanos, Luzia era uma jovem mulher de aproximadamente vinte anos que, entre 11.000 e 11.500 anos atrás, fez parte de uma população de indivíduos caçadores-coletores que viviam numa região próxima àquela

em que hoje se encontra a cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Antes de receber seu atual nome, dado por Neves, Luzia era conhecida como “Esqueleto da Lapa Vermelha IV”, que designa o local onde seu crânio foi encontrado, no sítio arqueológico localizado nos municípios mineiros de Lagoa Santa e Pedro Leopoldo (as duas cidades distam cerca de 40 quilômetros de Belo Horizonte).

O apelido dado por Neves ao esqueleto é uma alusão ao fóssil *Lucy*, fêmea da espécie *Australopithecus afarensis* achada na Etiópia em 1974 e que tem 3,5 milhões de anos. A descoberta de Luzia em meados da década de 1970, fruto de uma missão franco-brasileira liderada pela arqueóloga francesa Annette Laming-Emperaire, reativou as indagações acerca das origens do homem americano.

“Nosso departamento é de excelência, mas é departamento majoritariamente de Genética, especificamente Humana. Então, os nossos colegas têm uma dificuldade muito grande de entender nossa área de pesquisa, exatamente porque a gente percola pelas Ciências Humanas e pelas Biológicas”

Neves estudou o fóssil de Luzia, que fez parte da primeira população humana que teve acesso ao continente americano e, após analisar o formato do crânio, o pesquisador percebeu que Luzia era um negróide que possuía traços que remetem aos atuais negros africanos e aborígenes australianos. Ou seja, sua morfologia era bem diversa da dos índigenas brasileiros, fazendo com que a equipe de Neves propusesse, ao fim da década de 1980, que a América teria sido ocupada por duas populações distintas. A população mais antiga da América teria atravessado o Estreito de Bering (canal marítimo que liga o Alasca à Sibéria), há 14.000 anos e, a partir do Alasca, chegou ao Brasil. Só 3.000 anos depois um outro grupo chegou ao país: o dos ancestrais dos índigenas atuais.

Os resultados dos estudos de Neves desafiaram o modelo predominante de povoamento do continente americano, denominado *Clovis First*. O nome deriva do sítio arqueológico Clóvis, localizado no estado do Novo México, nos Estados Unidos. Tal corrente também acredita que a população mais antiga da América tenha acessado o continente americano pelo Estreito de Bering (acreditava-se que o caminho era um corredor de gelo, devido ao período Glacial); porém, afirma que apenas um único contingente populacional humano, de tipo mongolóide (e não negróide, como atestam os estudos de Neves), tenha penetrado a América, há aproximadamente 12 mil anos. A teoria de Neves desafiou um modelo explicativo apoiado na hegemonia norte-americana na arqueologia e no dogma “inquebrantável”

da teoria clovista, e abriu caminho a um debate muito mais rico no que cerne à questão do povoamento do Novo Mundo.

“Sem querer, foi minha descoberta mais midiática e me orgulho muito do fato de ela (Luzia) ter se tornado um ícone da pré-história brasileira”. Neves aponta que, após o advento de Luzia, curiosamente tem recebido muitos telefonemas denunciando a destruição de sítios arqueológicos, em comparação aos que recebia antes da descoberta: “Veja o poder que ela teve de levantar, vamos chamar assim, a autoestima da população brasileira, com referência à sua pré-história. Acho que só por isso já teria valido a pena”. É a prova de que Luzia se tornou o símbolo da pré-história brasileira.

“Em várias partes do mundo, o fato de se ter um ícone da pré-história local ajudou muito na comunicação entre os cientistas e o público em geral. Por exemplo, na Alemanha tem o Neandertal. O homem de Neandertal ajudou muito a aproximar o público alemão da ciência que é feita na Alemanha. Na Etiópia, tem a Lucy e o fato de ela existir ajudou muito a aproximar os etíopes dos cientistas que estudam isso por lá”, diz Neves. “Já a França possui o Homem de Cro-Magnon e todo francês sabe o que é o Homem de Cro-Magnon, todas as crianças sabem quem foi o Homem de Cro-Magnon e isso ajuda nesse diálogo entre o cientista e o povo. A Luzia preencheu esse espaço no Brasil”.

De um lado, o congelamento das contratações de docentes na USP. De outro lado, a forma antidialética e unidisciplinar com que a USP en-



cara sua produção e trata seus pesquisadores. Para Neves, não basta ser substituído por um outro docente, se o departamento onde o docente realiza suas pesquisas não concentra profissionais interdisciplinares. Segundo seu manifesto, o Departamento de Genética e Biologia Evolutiva é, na sua maioria, formado por geneticistas que são refratários ao entendimento de que a Paleoantropologia envolve diversos campos do conhecimento. “A minha área de trabalho está inserida em diversos tipos de



departamento. Às vezes está inserida nos departamentos de Antropologia, às vezes nos de Arqueologia, às vezes nos de Biologia Evolutiva — como é o caso aqui — e às vezes nos departamentos de Anatomia. Justamente por causa dessa interdisciplinaridade, não existe uma ‘caselinha’ específica, onde a gente se encaixe. Isso acontece no mundo, mas é especialmente agudo no Brasil — que faz todo o discurso da importância da interdisciplinaridade, mas na verdade não a aplica corretamente. O nosso depar-

tamento é de excelência, mas é um departamento majoritariamente de Genética, especificamente de Genética Humana. Então, os nossos colegas têm uma dificuldade muito grande de entender nossa área de pesquisa, exatamente porque a gente percola pelas Ciências Humanas e pelas Ciências Biológicas”, explica Neves à *Revista Adusp*.

As dificuldades impostas pela falta de interdisciplinaridade não são pontuais e sim estruturais. Neves argumenta que o convívio com tal obstáculo é permanente, apontando que o LEEH está sempre no final da fila no Departamento: “Aqui, no LEEH, informalmente dizemos que estamos divididos em duas grandes vertentes: a dos vivos e a dos mortos. Eu trabalho especificamente com os mortos, com restos arqueológicos e paleontológicos. E tem um outro colega, o professor Ruy [Sérgio Sereni] Murrietta, que trabalha com populações vivas. Mas, mesmo quando trabalhamos com populações vivas, fazemos sob uma perspectiva do darwinismo, da biologia evolutiva. Então, pelo fato de a maior parte do colegas daqui [Departamento de Genética e Biologia Evolutiva] ter uma formação unidisciplinar, principalmente na área de genética, eles possuem uma certa dificuldade de entender o que a gente faz, e com isso a gente sempre está no final da fila e nunca somos uma área prioritária”. Contudo, o próprio Neves pondera: “Isso não quer dizer que esses colegas não façam uma pesquisa de excelência — eles são excelentes geneticistas. Mas nós sempre estamos no final da fila. Nos últimos anos, houve concurso para diversas áreas no departamento, menos na nossa”.

O professor Luis Eduardo Soares Netto, chefe do Departamento de Genética e Biologia Evolutiva do IB, reconhece a importância das pesquisas do professor Neves e do LEEH “no cenário nacional e internacional”, mas aponta normas institucionais que limitam as decisões departamentais (a íntegra de suas declarações está na p. 106).

“Os maiores paleoantropólogos do mundo mandaram mensagens em apoio, reconhecendo a excelência do laboratório e das suas coleções. Essas mensagens foram enviadas para o reitor e para o vice-reitor. Se não se sensibilizarem com isso, então eu me pergunto o que pode sensibilizar a Administração para a nossa situação”

O embate entre concepções distintas não é novidade para o professor. Na década de 1980, trabalhando como arqueólogo no Instituto de Pré-História da USP, local onde iniciou seus estudos, Neves se voltou contra a metodologia atrasada então usada na arqueologia. Ao adotar um tratamento mais moderno para as pesquisas da área, foi sumariamente demitido da univer-

sidade em 1985. Anos de pesquisa de campo foram perdidos. Hoje, mais experiente nesse tipo de conflito, Neves enxerga a realidade da universidade com olhares ainda mais céticos e realistas. Descrente quanto a uma possível reversão no modo como a USP avalia, enxerga e fomenta a produção científica, assevera: “Houve um avanço no discurso, mas não houve progresso de fato. As pessoas confundem muito multidisciplinaridade com interdisciplinaridade. Multidisciplinaridade é quando uma questão científica é ‘atacada’ por várias disciplinas, como se cada campo fizesse ‘sua parte’ e depois se juntasse a outros, como se eles não ‘conversassem’ antes da sobreposição. Interdisciplinaridade envolve o que eu chamo de sobreposição de campos teóricos, que é o nosso caso aqui. Então, a universidade até melhorou um pouco nas questões de multidisciplinaridade, mas infelizmente não avançou no acolhimento daqueles profissionais que realizam seus trabalhos de forma interdisciplinar”.

A crise que levou a USP a congelar as contratações de docentes e a carência de uma visão interdisciplinar não são os únicos temores de Neves em relação ao LEEH e à sequência de seus estudos. Para o docente, a “política de terra arrasada” vigente na universidade pode não só fadar o LEEH ao sucateamento (e ao seu fim), como também outros núcleos e centros de excelência na universidade, afirmando que seu caso pode não ser o único: “Me preocupa também se outros casos similares não estão acontecendo na universidade, porque as pessoas

que estão à frente vão se aposentar e não serão repostas. Tem outra coisa que me preocupa muito, algo que chamo de política da terra arrasada: nós gastamos milhares de dólares para montar nosso laboratório e temos uma infraestrutura na área de paleoantropologia que nada deve aos outros centros do mundo. Aí eu me aposento, o laboratório deixa de existir, vão entrar aqui, derrubar tudo e perder esse alto investimento feito na nossa infraestrutura. Se o laboratório for desmantelado, no outro dia entra aqui uma equipe de pedreiros, derrubam tudo e vai ser construído um outro tipo de laboratório. Quando se abre um concurso, uma das coisas que tem de ser levada em consideração é o quanto já se investiu de dinheiro naquelas infraestruturas. Nós podemos torrar dinheiro da Fapesp e eu acho isso absolutamente inaceitável”.

Quando perguntado se no cotidiano acadêmico seu laboratório tem se deparado com falta de recursos para seu devido funcionamento, Neves afirma que, apesar de M.A. Zago ter assumido a administração com a universidade já em crise de financiamento, o LEEH sofre com falta de materiais básicos e por vezes tem de utilizar, para seu custeio, recursos destinados à pesquisa. “Aqui está faltando o básico. Às vezes não tem papel, às vezes não tem cartucho de impressora, às vezes não tem cola. O que você faz? Você acaba pegando dinheiro da pesquisa e aplicando em coisas que deveriam ser a contraparte da universidade”, observa. “Essa suposta falta de recursos está sendo usada como desculpa para enco-

brir a ineficiência administrativa, porque mesmo quando a universidade tinha recursos, a parte administrativa nunca funcionou bem. Eu gastava de seis a sete meses para comprar um cartucho de impressora. Na verdade, a administração da universidade, em todos os níveis, é extremamente amadora”.

Neves destaca o apoio que vem recebendo da comunidade científica internacional: “Esse manifesto é um pedido de socorro para o mundo todo. E os maiores especialistas da nossa área mandaram mensagens que me emocionaram muito, dizendo que o nosso laboratório é, em referência à questão da origem do homem na América, o grande laboratório de excelência no mundo. Os maiores paleoantropólogos do mundo mandaram mensagens em apoio, reconhecendo a excelência do laboratório e das suas coleções. Recebemos mensagens do todo o mundo e essas mensagens foram enviadas para o reitor e para o vice-reitor. Se eles não se sensibilizarem com isso, então eu me pergunto o que pode sensibilizar a administração central da universidade para a nossa situação”.

Ele não consegue vislumbrar nada de concreto surgindo das instâncias burocráticas da USP e mostra que, para mudar sua situação e obter perspectivas de um outro tipo de universidade, a comunidade universitária só pode confiar em suas próprias forças e capacidade de mobilização: “O pró-reitor de Pesquisa esteve aqui nos visitando, mas infelizmente não trouxe nenhuma solução objetiva. O chefe do departamento também se manifestou, dizendo que

é impotente em relação à situação. Agora, do reitor e do vice-reitor, eu não tive nenhum *feedback*, não obstante as mais de 200 manifestações do mundo inteiro em solidariedade ao nosso trabalho. Posso não conseguir, mas vou lutar até a última gota do meu sangue para fazer com que esse laboratório sobreviva a essa situação pela qual nós estamos passando na universidade. Eu digo sempre: não estou defendendo uma causa pessoal, estou defendendo a universidade brasileira e isso não pode acontecer na USP. Trabalhos de décadas não podem ser ignorados simplesmente porque temos uma política de contratação que é absolutamente restritiva”.



Daniel Garcia

Pró-reitor José Eduardo Krieger

O pró-reitor de Pesquisa José Eduardo Krieger diz que propôs uma solução ao professor Neves: um “potencial candidato” ao programa de bolsas Capes-USP. “Citei, falei que deveria antecipar-se e pedir um jovem pesquisador Fapesp”

O pró-reitor de Pesquisa, professor José Eduardo Krieger, declarou à *Revista Adusp* que se surpreendeu ao receber por e-mail o manifesto do professor Walter Neves, com

quem conversara pessoalmente no LEEH. Krieger afirmou ser legítimo que todos os chefes de laboratório e pesquisadores estejam preocupados com a continuidade de suas pesquisas, durante a conjuntura de crise na USP, e que “há várias formas de lidar com isso”.

Para ele, por conta do atual período de dificuldades financeiras, a USP começou a buscar alternativas e uma delas, já anunciada oficialmente, é um programa conjunto com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Trata-se de convênio firmado em março de 2015, que tem por objetivo trazer pesquisadores e professores do exterior, por meio da concessão de 60 bolsas, com duração de até 30 meses, objetivando “estimular a execução de projetos

de pesquisa, o ensino, a produção de pesquisa científica e tecnológica da USP; e incentivar o fortalecimento e ampliação das ações de pesquisa dos programas de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado)”, segundo a Capes (<http://goo.gl/SIcaMK>). No acordo entre as instituições, há o comprometimento da USP de abrir vagas nas respectivas áreas de atuação dos bolsistas, nos departamentos das unidades que vierem a receber os pesquisadores visitantes, permitindo a assimilação destes como docentes da universidade.

Quanto à queixa do professor Neves de não ter partido da Pró-Reitoria de Pesquisa nenhuma solução objetiva para a situação do LEEH, Krieger defende-se

afirmando que conheceu “um potencial candidato, que é um dos alunos dele [Neves] e que está na Alemanha”. “Citei, falei da proposta, falei que ele deveria inclusive se antecipar e já pedir um ‘jovem pesquisador Fapesp’. Então, talvez ele não tenha prestado muita atenção, talvez ele estivesse um pouco distraído”.

Perguntado sobre se garante que o LEEH continuará funcionando, após a aposentadoria do professor Neves, responde: “Garantir, eu não sei se alguém vai conseguir garantir. Eu diria que com a experiência que tenho e sabendo quais são os instrumentos da universidade e como a vida acadêmica funciona, acho que tem todas as chances. Se algo está funcionando bem, por que é que vai parar? Frequentemente, os bons pesquisadores têm bons financiamentos”.

DEPARTAMENTO RECONHECE CONTRIBUIÇÃO DO LEEH E PROMETE PRESERVAR INVESTIGAÇÃO ANTROPOLÓGICA

“O Departamento está ciente deste risco e da grande importância deste laboratório [LEEH] no cenário nacional e internacional. O Dr. Neves é um docente e pesquisador de enorme inserção acadêmica na Universidade, tendo tido contribuições extremamente relevantes para o conhecimento da evolução humana, notadamente no campo das origens do homem no continente americano”, reconhece o chefe do Departamento de Genética e Biologia Evolutiva, professor Luis Eduardo Soares Netto, ao comentar, a pedido da *Revista Adusp*, o manifesto do professor Walter Neves.

“Apesar das inegáveis qualidades do Dr. Neves, e do grupo de pesquisa por ele criado, existem regras institucionais que restringem ações por parte da chefia do departamento”, argumenta o chefe do departamento. Confira a seguir, na íntegra, a manifestação.

“Esta chefia tomou conhecimento, apenas recentemente, da intenção do Dr. Neves em se aposentar. Este fato é, realmente, bastante preocupante, tendo em vista a possibilidade de uma eventual descontinuidade dos trabalhos de investigação desenvolvidos pelo Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos (e das valiosas coleções que ele abriga). O Departamento está ciente deste risco e da grande importância deste laboratório no cenário nacional e internacional. O Dr. Neves é um docente e pesquisador de enorme inserção acadêmica na Universida-

de, tendo tido contribuições extremamente relevantes para o conhecimento da evolução humana, notadamente no campo das origens do homem no continente americano. Suas descobertas em relação à “Luzia”, com ampla repercussão no meio científico e na mídia, bem atestam suas qualidades como cientista.

Apesar das inegáveis qualidades do Dr. Neves, e do grupo de pesquisa por ele criado, existem regras institucionais que restringem ações por parte da chefia do departamento. Entre elas:

(1) o Chefe de Departamento executa políticas que são definidas pelos membros Conselho do Departamento. Em alguns momentos, as áreas nas quais os concursos são abertos são determinadas em fóruns mais amplos, que contam com a participação de vários, se não de todos os docentes do Departamento, sempre com o aval final do Conselho. Em discussões acadêmicas recentemente realizadas em reuniões do conselho, a importância da área de Antropologia Biológica foi reconhecida por seus membros, tanto que, ficou decidido que, em vagas futuras para docente, esta seria uma área prioritária, juntamente com a de Licenciatura, também detectada como importante para o departamento, e que, atualmente, também carece de docentes;

(2) por normas regimentais, o ingresso de docentes nas universidades públicas estaduais se dá através de concurso público. Assim sendo,

a chefia do departamento não pode interferir no processo, mesmo que tal concurso seja aberto na área de Antropologia Biológica. Ou seja, não há garantias de que seja contratado um docente com perfil ideal para dar continuidade aos trabalhos do Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos;

(3) é importante salientar que além do Dr. Neves, o Departamento conta, no momento, com dois outros docentes que atuam na área de Antropologia Biológica, sendo que uma docente recentemente contratada também trabalha num campo de pesquisa com interface com evolução humana. No entanto, não há, de fato, garantias de que estes docentes deem continuidade aos trabalhos desenvolvidos pelo Dr. Neves; e

(4) como é de conhecimento de todos, tem havido restrições a novas contratações na USP, o que faz com que a abertura de novas vagas para a contratação de docentes seja bastante difícil na atual conjuntura. Mais uma vez, existe pouco espaço de ação para a chefia do departamento nessa direção.

De qualquer modo, apesar das limitações e dificuldades que se apresentam o Departamento de Genética e Biologia Evolutiva do IB-USP continuará envidando esforços no sentido de preservar suas linhas de investigação, particularmente da Antropologia Biológica, que tantas contribuições importantes têm dado para o conhecimento da evolução de nossa espécie.”